



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

BRINCADEIRA: UM PROJETO PRÁTICO DE LIVRO INFANTIL PARA
QUESTIONAR OS PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA

Fernanda de Freitas Turino

Rio de Janeiro/RJ
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

BRINCADEIRA: UM PROJETO PRÁTICO DE LIVRO INFANTIL PARA
QUESTIONAR OS PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA

Fernanda de Freitas Turino

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em nome do seu curso.

Orientadora: Profa. Ms. Andréia de Resende Barreto Vianna

Rio de Janeiro/RJ
2018



Escola de Comunicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

Em 25 de JUNHO de 2018 esteve reunida a Banca Examinadora composta pelos seguintes **professores examinadores** ANDRÉ FÁBIO VIUAS - BOAS E LUCIMARA RETT,

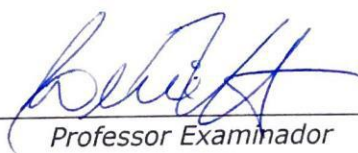
e ANDRÉIA DE RESENDE BARRETO VIANNA por

como **professor orientador**, além do(a) **aluno(a)** FERNANDA DE FREITAS TURINO,

(DRE nº M6050666) do curso de Comunicação Social, habilitação em PRODUÇÃO EDITORIAL que apresentou o projeto experimental sobre o tema BRINCADEIRA: UM PROJETO PRÁTICO DE LIVRO INFANTIL PARA QUESTIONAR OS PADRÕES DE GÊNERO NA INFÂNCIA

Avaliado o trabalho, a Banca atribuiu grau 9,0 ao Projeto Experimental do (a) aluno (a). Nada mais havendo a observar fica lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Banca e pelo (a) aluno (a).

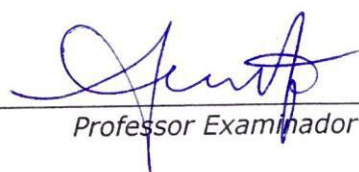
Rio de Janeiro, 25 de JUNHO de 2018.



Professor Examinador



Professor Orientador



Professor Examinador



Aluno(a)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T938	<p>Turino, Fernanda de Freitas</p> <p>Brincadeira: um projeto prático de livro infantil para questionar os papéis de gênero na infância / Fernanda de Freitas Turino. - 2018. 42 f.: il.</p> <p>Orientadora: Prof^a. Andréia Resende</p> <p>Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Produção Editorial, Rio de Janeiro, 2018.</p> <p>1. Mercado editorial. 2. Livro infantil. 4. Feminismo. I. Resende, Andréia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.</p> <p>CDD: 070.5</p>
------	---

Elaborada por: Érica dos Santos Resende CRB-7/5105

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por me deixarem escolher minhas brincadeiras quando criança. Ao Rafael Bento, pelo companheirismo diário, pelas belas ilustrações e por aceitar o desafio de produzir um livro. À Bianca Battesini, pela diagramação e gentileza. Ao Igor Ribeiro, pela amizade e por ser meu “investidor anjo”. À minha orientadora Andréia Resende, pela parceria e por aceitar orientar uma aluna que ainda não tinha conhecido. Ao professor André Villas-Boas, por me indicar uma ótima orientadora e pela disponibilidade. À professora Lucimara, por aceitar participar da minha banca e por ajudar muito durante as aulas de Projeto II. Ao professor Mário Feijó, por tornar minha volta à Escola de Comunicação muito mais fácil. Por fim, aos meus queridos amigos de turma, por me receberem tão bem, obrigada pelos bons momentos, a jornada foi mais fácil por causa de vocês.

TURINO, Fernanda. ***Brincadeira: um projeto prático de livro infantil para questionar os papéis de gênero na infância***. Orientador: Andréia de Resende Barreto Vianna. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O objetivo deste trabalho é questionar os papéis de gênero presentes na infância, representados nas brincadeiras. Para isso, foi produzido o livro ilustrado infantil *Brincadeira* no formato vira-vira, no qual serão apresentados sempre dois pontos de vista, um de um menino e outro de uma menina, das mesmas brincadeiras. Também foi realizada uma breve pesquisa sobre papéis de gênero e feminismo como base teórica. Para a produção da publicação, foram analisadas as relações entre texto e imagens em livros ilustrados. Foram objeto de estudo ainda outras publicações para crianças como referência para a produção do livro.

Palavras-chave: Mercado editorial; Livro infantil; Feminismo; Infância, Papéis de gênero

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 8
1. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS PAPÉIS DE GÊNERO	p. 11
1.1 Papéis de gênero na infância	p. 12
1.2 Publicidade e consumo	p. 14
1.3 O machismo e os papéis de gênero	p. 16
2. UM POUCO SOBRE LITERATURA INFANTIL	p. 21
2.1 Breve histórico do livro ilustrado	p. 21
2.2 O feminismo como nicho do mercado editorial	p. 24
2.3 O papel da literatura na desconstrução dos papéis de gênero	p. 25
3. O LIVRO <i>BRINCADEIRA</i>	p. 30
3.1 Projeto editorial-gráfico	p. 34
3.2 Concepção	p. 35
3.3 Diagramação	p. 36
3.4 Produção gráfica	p. 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 39
REFERÊNCIAS	p. 41

INTRODUÇÃO

Por muito tempo acreditou-se que havia atividades que deviam ser feitas exclusivamente por mulheres e outras que eram atribuições apenas dos homens. Tais noções foram – e em muitos casos ainda são – conceitos naturalizados na sociedade. No entanto, os papéis de gênero são construções sociais e a biologia não garante uma explicação para que eles sejam considerados algo da natureza humana. Porém, eles se pretendem naturais em diversos discursos repetidos incessantemente dentro de uma cultura machista e patriarcal e isso já começa na infância com o que é considerado “de menino” e o que é “de menina”.

Determinar o gênero das brincadeiras é apenas uma das formas, muitas vezes sutil, de manter um machismo estrutural que oprime mulheres e coloca sempre tudo o que é feminino como de menor importância e menos atraente. Dentro desta lógica, cabem às mulheres as tarefas geralmente enfadonhas e cíclicas da manutenção do lar.

A divisão das brincadeiras também reforça a ideia de que a criação dos filhos é algo naturalmente feminino. Também mantém a noção de que toda mulher está biologicamente pronta para cuidar das crianças e que a maternidade é o caminho natural, sendo o instinto materno suficiente para que as mães sejam capazes de descobrir como se cuida de um bebê, enquanto aos pais não é feita a mesma cobrança. Uma mulher que erra não recebe o mesmo julgamento que um pai que não participa. Para a sociedade, de uma maneira geral, um homem que faz alguma coisa no cuidado diário com os filhos já é um superpai que merece todo tipo de reconhecimento.

Porém, de todas as tarefas envolvidas no cuidado de uma criança, a única que um homem não pode fazer é a de amamentar no seio. Não é justificável que um pai apenas ajude a mãe, a divisão de obrigações pode ser feita de forma muito mais justa e igualitária. Trocar fraldas, embalar o sono, dar banho, escolher as roupas, levar ao médico, nenhuma dessas funções depende apenas da mãe ou encontra alguma explicação biológica para que seja tarefa apenas feminina. Permitir e até mesmo incentivar que meninos também brinquem de boneca pode ajudar a mudar tal cenário, naturalizando também nos garotos os cuidados com os filhos.

Por outro lado, permitir e incentivar que as meninas brinquem de construir, de futebol, de explorar, de serem cientistas, de dirigir, pode ser um grande estímulo para que as mulheres se dediquem a carreiras que são tidas como tipicamente masculinas. Pois é a partir das brincadeiras que as crianças experimentam e desenvolvem suas

habilidades e descobrem suas aptidões. Impedir que uma menina brinque de explorar novos lugares ou que um menino cuide das bonecas vai dificultar que essas crianças cresçam entendendo que nenhuma tarefa é exclusiva de homens ou de mulheres.

Desconstruir conceitos consolidados há décadas – quando não há séculos – não vai acontecer da noite para o dia. Este é um trabalho que deve ser feito, pois é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as mulheres não sejam diminuídas ou tidas como menos capazes que os homens apenas por terem nascido com um útero. A manutenção dos papéis de gênero e do machismo pode parecer beneficiar homens, porém ninguém sai ganhando com essa estrutura.

É com o intuito de mostrar para crianças que os papéis de gênero não são um conceito natural e que podem ser questionados, que foi desenvolvido o livro *Brincadeira*, um projeto prático para conclusão do curso de Produção Editorial da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A obra pretende discutir, de forma lúdica, os papéis de gênero nas brincadeiras infantis.

Ao todo foram selecionadas sete brincadeiras (boneca, cientista, futebol, pular corda, soltar pipa, carrinho e dança) para serem retratadas e todas elas serão exercidas tanto por meninas quanto por meninos. Contando com duas capas, o livro pode ter a leitura iniciada por qualquer um dos lados – formato vira-vira. Um lado tem uma menina na capa e o outro, um menino, e cada lado da história mostra diferentes garotos e garotas realizando as mesmas brincadeiras. Na página central as duas possibilidades de leitura se encontram em uma ilustração que tem ângulo de visão de pássaro e poderá ser lida a partir de qualquer direção que a criança tiver optado por iniciar a leitura do livro. Nesta ilustração, meninos e meninas se encontram, reforçando a ideia de que a divisão de gêneros não existe verdadeiramente.

O primeiro capítulo deste trabalho, “A construção social dos papéis de gênero”, apresenta um breve panorama sobre o que são tais papéis, sua construção social e prejuízos que geram para a sociedade, em especial para mulheres e meninas. Comenta os papéis de gênero na infância e a influência da publicidade, consumo e machismo nessa questão. Para isso, foram utilizadas obras de Judith Butler e das autoras do coletivo *Não me Kahlo*, além dos ensaios de Chimamanda Ngozi Adichie.

O segundo capítulo, “Um pouco sobre a literatura infantil”, faz um pequeno panorama histórico da trajetória dos livros ilustrados para introduzir o tema. O capítulo aborda ainda a questão dos livros para crianças no mercado editorial e a relação entre imagens e texto nestas publicações. Para isso, serviram de base as autoras Sophie Van

der Linden, Maria Nikolajeva e Carole Scott, assim como María Teresa Andruetto. O papel da literatura na desconstrução dos papéis de gênero e de outros conceitos também são discutidos nesta parte do trabalho.

Por fim, o terceiro e último capítulo, “O livro *Brincadeira*”, apresenta, de maneira mais aprofundada, o projeto do livro. É neste ponto que será comentado o processo produtivo da obra com um relatório de produção, desde a concepção até a impressão da boneca.

1 A construção social dos papéis de gênero

Seres humanos são primatas, assim como chimpanzés e orangotangos. Porém, diferente de seus primos mais selvagens, conseguiram se tornar a espécie dominante por se diferenciarem dos outros animais pela sua racionalidade e estrutura social altamente complexa, que levaram a raça humana a se desenvolver tecnologicamente como nenhuma outra e a criar diferentes formas de expressão.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, fomos capazes de criar uma linguagem complexa – oral ou escrita – parte de culturas diversas e igualmente complexas de forma ainda não acompanhada por nenhuma outra espécie do planeta Terra. A espécie humana se tornou capaz de sobreviver fora da natureza e, para nos afastar dos outros animais irracionais, tentamos de várias formas negar nossa animalidade.

Assim, por sermos animais essencialmente sociais, não apenas a biologia determina nosso comportamento, mas também questões culturais e sociais, que têm um papel fundamental na formação de um indivíduo. Papel esse que talvez até seja mesmo mais importante que o fator biológico, dado que fomos nos afastando dos nossos instintos e de qualquer outro aspecto que nos ligasse ao nosso primitivismo, à medida em que conseguimos desenvolver tecnologias que nos permitiram criar condições de vida cada vez menos naturais.

Na natureza, todos os mamíferos são divididos fisiologicamente em apenas dois sexos: macho e fêmea. Existe também o que está entre os dois polos, mas estes casos são considerados desvios da norma e não são o foco nesta análise, que não foca na questão da fisiologia humana. Ser macho ou fêmea é uma determinação biológica e, em uma definição objetiva e simplificada, podemos dizer que as fêmeas, definidas como XX, nascem com uma vagina e órgãos reprodutivos femininos como útero e ovário; já os machos, por sua vez, definidos por XY, têm pênis e testículos.

Mesmo que existam indivíduos que não se encaixem nesta definição e apresentem órgãos sexuais e genética que fica entre o que é determinado como masculino e feminino, o padrão, do ponto de vista biológico, é que seres humanos sejam machos ou fêmeas. E mesmo essas pessoas que estão entre os dois têm seu sexo definido burocraticamente como sendo feminino ou masculino.

Na esfera social humana, para além do sexo biológico existe também a questão do gênero de cada indivíduo. Esta é uma construção social com regras bem delimitadas

que determina como machos e fêmeas devem se comportar. Tais construções variam de cultura para cultura, desta forma não podem ser tidas como naturais, já que indivíduos com o mesmo sexo biológico terão papéis de gênero diferentes em diferentes locais.

1.1 Papéis de gênero na infância

Antes mesmo de uma criança nascer já existe sobre ela uma expectativa de qual deve ser o seu papel na sociedade, o que vai continuar na idade adulta, perpetuando os papéis de gênero. Podemos começar pelas cores das roupinhas: rosa para as garotas e azul para os meninos.

A divisão de cores e brinquedos entre “de menina” e “de menino” é tão comum e banal que é fácil achar que é natural. Desde crianças, as pessoas aprendem que uma roupa cor de rosa e com laço é feminino e que brincar de jogar futebol é para os garotos. Compreender que isso é uma construção social, que nada tem a ver com a genética, não é uma tarefa fácil (LAMAS, 2016)

Isso acontece porque desconstruir conceitos tão enraizados na nossa sociedade e comportamentos decorrentes disso demanda um exercício contínuo de questionamento. Mesmo quando compreendemos e contestamos os papéis de gênero, a associação de azul como masculino é automática.

Basta entrar em uma loja de roupas de bebê para perceber claramente a diferenciação. A começar pela primeira pergunta que a vendedora fará: é um menino ou uma menina? A partir da resposta, as opções serão definidas entre azul ou rosa, carrinhos ou bonecas, dinossauros ou flores. As opções de gostos e preferências da criança são definidas antes mesmo de ela nascer ou ter capacidade de escolher o que prefere.

Nas lojas de brinquedos a separação também acontece da mesma maneira, para as meninas cabem os brinquedos ligados às tarefas domésticas, maternidade e beleza, já para os meninos, os brinquedos estimulam a vida fora de casa e aventureira. O que acaba por perpetuar a determinação que se inicia com as cores das roupinhas que o bebê veste assim que nasce.

Essas determinações são criações culturais que foram se mantendo de forma tão repetitiva que se pretendem naturais, como se sempre tivessem sido desta maneira. No entanto, tais conceitos, apesar de parecerem, não são imutáveis e já foram muito

diferentes. Nem sempre rosa e azul foram associados aos gêneros da maneira como são hoje.

Uma prova disso é que em um passado não tão distante, durante o início do século XX, logo após a Primeira Guerra Mundial, o rosa era associado aos meninos, por ser considerada uma cor forte relacionada ao sangue. Já o azul era a cor adequada para as meninas, que deviam usá-la por ser associada à delicadeza e feminilidade. Antes disso, não havia nem mesmo uma preocupação com quais cores as crianças deveriam usar, optava-se apenas pelo branco.¹ (HANCOCK, 2014)

Apenas na década de 1940 que a associação do azul como masculino e rosa como feminino surgiu, mas foi somente a partir da década de 1980 que as determinações de cores como conhecemos hoje se consolidaram cultural e mercadologicamente². Não existem quaisquer razões genéticas que justifiquem cientificamente tais preferências. As crianças desde muito jovens podem já demonstrar ter cores favoritas de acordo com seu sexo, mas há um fator social e cultural em tais favoritismos, já que mesmo antes de nascer a criança tem determinadas as cores que deve usar para se identificar como sendo menino ou menina. Essas concepções se estendem para a idade adulta e determinam a forma como homens e mulheres devem se comportar, colocando a mulher sempre associada a papéis maternos e domésticos e afastando os homens dos mesmos.

Para o senso comum, existe algo no corpo da mulher, em sua composição biológica, em sua natureza, que a prepara em todos os sentidos, desde a infância, para a maternidade. Algo que nasce com a menina e se desenvolve na mulher. É essa crença na força e na influência da biologia da natureza que justifica que papéis sociais diferentes sejam atribuídos e que possibilidades e oportunidades diferentes sejam oferecidas aos homens e às mulheres, sem que isso seja considerado injusto ou simplesmente questionável. A ideia de que a divisão entre os gêneros segue uma ordem natural circula na sociedade, e poucos são os que cogitam desafiar essa ordem.

É como se os elementos que funcionam como distinções de gênero fossem naturais, inatos e não fruto da educação que cada pessoa recebe e dos exemplos, opções e possibilidades que se apresentam ao longo de suas vidas. Essa lógica é totalmente desconstruída pela antropologia. Autor de *Cultura: um conceito antropológico*, Roque de Barros Laraia explica que “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função dos seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (LAMAS, 2016, não paginado)

¹ Hancock, 2014 – https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/18/ciencia/1416328918_518343.html (acessado em 06 de junho de 2018)

² <https://www.pinkisforboys.org/blog/when-did-pink-become-a-feminine-color> (acessado em 06 de junho de 2018)

1.2 Publicidade e consumo

Não é objetivo deste trabalho aprofundar as relações da publicidade com a construção dos papéis de gênero, porém a publicidade exerce enorme influência na preferência feminina pelo rosa e masculina pelo azul, o que acaba por perpetrar essa associação como se não fosse algo construído culturalmente.

Assim, mesmo que de maneira simplificada, é importante comentar essa relação. Enquanto às meninas cabem brinquedos como miniaturas de pias, de tábuas de passar, bonecas e princesas; aos meninos cabem os foguetes, carros, kits de cientista ou super-heróis.

Os brinquedos que definimos como “de menino” e “de menina” também ensinam muito às crianças sobre o papel que se espera que elas desempenhem. Compramos bonecas, casinhas, forminhos e espelinhos para as meninas, treinando-as para a tradicional função de mães e donas de casa e incentivando a vaidade. Enquanto isso, os brinquedos voltados para os meninos costumam estar ligados aos esportes, à construção e aos super-heróis. Quando expressam interesse por brinquedos do gênero oposto, as crianças têm seus desejos repreendidos por meio de frases como “isso não é coisa de menina/o” ou “menina/o não gosta disso”. (DE LARA et al, 2016, p. 19)

A indústria de brinquedos, no entanto, também pode influenciar contra os papéis de gênero. Na atualidade, muitas empresas fabricantes de brinquedos já perceberam a mudança de comportamento que está ocorrendo e se adaptaram para melhor agradar seus clientes. É o caso da Barbie, boneca que desde sempre perpetuou um padrão estético de um corpo de uma mulher alta, magra e loira, mas que agora já comercializa bonecas que buscam refletir a variedade de corpos existentes. Em uma linha, lançada em 2016, a empresa criou Barbies com diferentes alturas, corpos, cores e tipos de cabelos. A mudança surgiu após queda nas vendas, como uma tentativa de agradar um público que já não é mais o mesmo de anos atrás.³ Isso colabora com a desconstrução de padrões já preestabelecidos e incentiva a valorização da diversidade, o que ajuda a desconstruir diversos conceitos ainda na infância.

Na década de 1970, a empresa fabricante dos blocos de montar Lego já adotava um discurso bastante semelhante. Em uma carta endereçada aos pais, que vinha dentro das caixas de peças (figura 1), havia a mensagem que promovia a igualdade de gêneros, mostrando que a criança, independentemente de ser menino ou menina, pode gostar de qualquer tipo de brincadeira. Em uma tradução livre a carta dizia:

³ <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/01/barbie-ganha-novas-formas-de-corpos-de-pele-e-cores-de-olhos.html> (acessado em 06 de junho de 2018)

Aos pais

O desejo de criar é igual em todas as crianças. Meninos e meninas. É a imaginação que conta. Não a habilidade. Você constrói o que quer que venha na sua cabeça, da maneira que você quiser. Uma casa de bonecas ou uma nave espacial. Um monte de meninos gosta de casas de bonecas. Elas são mais humanas que as naves espaciais. Um monte de meninas preferem naves espaciais. Elas são muito mais emocionantes que casas de bonecas. A coisa mais importante é colocar o material certo nas mãos delas e deixá-las criar o que quer que lhes interesse.

Figura 1 - Carta endereçada aos pais nas caixas de Lego, na década de 1970



Figura 2: Acervo pessoal

Se por muito tempo foi aceitável e lucrativo classificar brinquedos como “de menino” e “de menina”, diante de novas demandas comerciais, as empresas precisam se adaptar ao que querem seus clientes de modo a conseguir manter as vendas e os lucros. O que se percebe, então, é um aumento gradual da produção de brinquedos inclusivos que promovem não apenas a igualdade de gêneros, mas também a representatividade de minorias, como, por exemplo a racial, com bonecas negras.

As empresas fabricantes de brinquedos já notaram que existe uma maior demanda e uma maior preferência pelos brinquedos considerados unissex. Também é possível perceber uma desvalorização da cor rosa que já é menos usada nas embalagens e brinquedos. Além das cores consideradas neutras – como o verde e o roxo – o azul, considerado uma cor masculina, é mais utilizado que o rosa por ser mais aceito pelas meninas do que o rosa pelos meninos.⁴ Este tipo de comportamento reforça a ideia de

⁴ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/fabricantes-de-brinquedos-se-livram-do-cor-de-rosa-para-atrair-meninos-as-panelinhas.ghtml> (acessado em 06 de junho de 2018)

que aquilo que é considerado feminino ainda é desvalorizado e que o padrão masculino é o que deve ser seguido e desejado, além de evidenciar um preconceito com a homossexualidade.⁵

1.3 O machismo e os papéis de gênero

Figura 3



Fonte: Acervo pessoal

Vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, na qual as mulheres são tidas, como bem definiu Simone de Beauvoir (1949), em seu livro *O segundo sexo*, como o Outro, o gênero que não é o principal, o que não é o padrão e que é menos capaz. Com frequência, a capacidade intelectual das mulheres é posta em xeque e a voz dos homens vale muito mais, apenas por serem do sexo masculino e representarem o modelo a ser seguido.

Neste contexto, o feminino é tido como algo menor e menos importante. Cabe às mulheres as tarefas que os homens não querem fazer ou que consideram de menor importância e isso já começa a ser determinado na infância com discursos e brincadeiras que visam naturalizar a separação dos papéis de homens e mulheres.

⁵ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/fabricantes-de-brinquedos-se-livram-do-cor-de-rosa-para-atrair-meninos-as-panelinhas.ghtml> (acessado em 06 de junho de 2018)

É justamente na infância, quando os seres humanos são mais suscetíveis, que os conceitos são trabalhados e introduzidos como naturais com maior facilidade. Crianças, apesar de questionadoras por natureza, são influenciadas por adultos, pessoas em quem elas tendem a acreditar. Assim, quando algum adulto diz a elas que rosa é apenas de meninas, isso soa como verdade.

Determinar o gênero das brincadeiras é apenas uma das formas, muitas vezes sutil, de manter um machismo estrutural que oprime mulheres e coloca sempre tudo o que é feminino como de menor importância e menos atraente. O meme a seguir, bastante compartilhado na internet, ilustra bem como podemos determinar se um brinquedo é para meninas ou meninos.

Figura 4 - Fonte: Página Mães da depressão do Facebook⁶



Judith Butler (2017), em seu livro *Problemas de gênero*, discute criticamente questões do feminismo a partir da visão imposta por meio dos papéis de gênero aos quais somos submetidos desde que nascemos e que são perpetuados de geração em geração.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente

⁶ <https://www.facebook.com/maternidadedepressao1> (acessado em 08 de abril de 2018).

construído: conseqüentemente não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gênero culturalmente construídos. [...] Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, a qual o gênero reflete o sexo ou por ele é restrito. (BUTLER, 2017, p.25)

Butler sugere uma ruptura dos papéis de gênero muito mais ampla e radical que apenas desvincular determinadas atividades do sexo macho ou fêmea. O binarismo dos sexos também é algo que pode ser questionado e desconstruído do ponto de vista cultural e sociológico.

Para a autora, é somente a partir desta desconstrução mais profunda que será possível acabar com os papéis de gênero ainda existentes. Por serem construções sociais, os gêneros não precisam necessariamente estar ligados ao binarismo dos sexos biológicos e é partir dessa visão que se pode compreender que os gêneros podem ser muito mais amplos que apenas o feminino e o masculino. Há uma gama de tons de cinza entre um e o outro.

Outra construção social são as características que generalizamos como “de mulher” ou “de homem”. Diz-se, por exemplo, que a emotividade e a docilidade são características inerentes à mulher, enquanto o desapego e a praticidade são naturais dos homens. Bem, em primeiro lugar, é importante notarmos que esses conjuntos de características criam duas espécies distintas de sujeito: um treinado para a submissão e, o outro, para a independência. Portanto, a naturalização desses traços serve a uma tentativa de justificar o domínio do homem sobre a mulher. Em segundo lugar, devemos perceber que diferentes valores são atribuídos a essas características, a depender do gênero que as exhibe. (DE LARA et al, 2016, p. 19)

As imposições às meninas começam quando são ainda bebês e têm suas orelhas furadas, como uma obrigação de feminilidade, pois além das roupinhas cor de rosa, uma neném é reconhecida como menina por ter um brinco na orelha. A mulher, desde cedo, sofre com as regras de feminilidade que exigem certos comportamentos e proíbem tantos outros.

Se mudarmos o ponto de vista, podemos ver que o machismo, apesar de colocar o homem em posição de dominância, pode também reprimir certos comportamentos nos meninos. O machismo torna o feminino algo tão menos valorizado que qualquer comportamento associado ao gênero por parte de um garoto é logo rechaçado. Assim,

meninos também têm tolhidas suas preferências e seus comportamentos moldados de acordo com regras que lhe são impostas sem nenhuma explicação que não a de que “é assim mesmo”, como se fosse parte da natureza.

Isso porque o machismo diz que é tarefa masculina ser sempre forte e o provedor financeiro de um família. É esse mesmo machismo também que diz que homens não podem expressar seus sentimentos ou demonstrar nenhum tipo de fraqueza. O machismo associa isso ao feminino e, portanto, a algo que não deve ser valorizado.

Para Butler, o gênero tem um papel estético e age como operador de diferenças de feminilidade e masculinidade estabelecidas pela cultura. É por isso, por exemplo, que Miriam Goldenberg observou, após anos estudando as relações de gênero, que “um dos preços da masculinidade é a eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo”. A antropóloga denuncia “a estigmatização que sofrem todos os homens que se afastam dos modelos hegemônicos de masculinidade, mesmo que seja em uma simples brincadeira entre amigos”. O que se espera de um corpo masculino é que siga um repertório específico, um conjunto de atos performativos – gestos, falas, enfim, uma série de atos corporais constantemente repetidos – associados à identidade masculina, o que inclui um desejo sexual voltado ao feminino. É o que Butler chama de “matriz” heterossexual”. Por isso, o homem cujo modo de agir se afasta do modelo hegemônico de masculinidade gera um grande estranhamento e provoca desconforto nos demais: porque põe em xeque a crença no caráter natural e biologicamente determinado do gênero. (LAMAS, 2016, não paginado)

Não é raro que as pessoas associem comportamentos dissonantes dos papéis de gênero atribuídos ao sexo biológico de determinado indivíduo com a sexualidade do mesmo. Meninos que brincam de boneca podem ser taxados de homossexuais e meninas com comportamento mais tipicamente masculino podem ser vistas como lésbicas. Marina Lamas (2016), em sua pesquisa desenvolvida para o Programa de Pós-graduação em Sociologia Política e Cultura da PUC-Rio entrevistou pais e mães para compreender essa construção dos papéis de gênero e pode confirmar essa ideia de que a escolha por determinadas brincadeiras pode estar associada à sexualidade da criança.

Outro dado que chama atenção na análise das opiniões coletadas por esta pesquisa é que papéis sociais e sexualidade parecem andar juntos na visão dos informantes. Reside aí boa parte da resistência dos pais em oferecer às crianças brinquedos associados ao gênero oposto àquele a que seus filhos nasceram pertencendo. Parece existir um medo de que, ao oferecerem brinquedos diferentes, estimulem a homossexualidade nos filhos. A fala de Lucas, embora hesitante, contribui para essa conclusão: “Eu acho que se ele começasse a brincar de panelinha, essas coisas, tem aquilo de que vai virar menina, brincando com menina. Acho que o brinquedo pode influenciar na personalidade, sim. Porque se ele começa a achar que uma coisa é normal... Não que não seja normal... Mas não acho que ele deva brincar com coisas de menina, boneca”, diz. Lucas não usou a palavra “homossexual” nem qualquer sinônimo, mas, na conversa com ele, foi possível perceber que era esta a sua sugestão quando falou em “virar menina” e “achar que uma coisa é normal”. Os papéis sociais de mãe e dona de casa estão tão associados à mulher para Lucas que, quando pensa em seu filho brincando com uma boneca ou com uma panelinha, a possibilidade que imagina é a de que o garoto” vire

menina”, e não a de que ele um dia “vire pai” ou “vire dono de casa”. (LAMAS, 2016, não paginado)

Se, por um lado, as meninas têm seus comportamentos limitados e suas potencialidades ignoradas, os meninos, apesar de terem mais liberdade de exercer funções mais valorizadas na sociedade, também precisam controlar seus comportamentos para não serem interpretados como fracos ou homossexuais. Um comercial da marca de desodorantes Axe mostra, a partir das sugestões obtidas pelo mecanismo de auto preenchimento do Google, dúvidas masculinas que demonstram insegurança com relação a certos tipos de comportamento que deviam ser considerados completamente naturais para qualquer pessoa.

Entre os termos buscados, em inglês, estão perguntas como “É natural que um homem seja magro?” ou “É normal que um homem goste de gatos?” e “É normal um homem ter depressão?”. Tais dúvidas só demonstram possíveis problemas causados pelos papéis de gênero que não permitem que mulheres desenvolvam suas habilidades e impedem que homens demonstrem suas fraquezas e com isso se tornem doentes, seja física ou mentalmente.⁷

Isso tudo, de uma forma subjetiva, mas também objetiva em alguns pontos, colabora para a manutenção de uma estrutura que não condiz com a época em que vivemos. Uma estrutura que insiste em perpetuar uma construção que aconteceu há séculos e que continua a prejudicar meninos e meninas, mulheres e homens que não se encaixam nestes padrões ultrapassados.

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=0WySfa7x5q0&utm> (Acessado em 01 de maio de 2018)

2 Um pouco sobre literatura infantil

Traçar um breve panorama histórico é importante para o desenvolvimento da pesquisa. Este trabalho, porém, não visa aprofundar as raízes históricas da literatura infantil e tampouco suas consequências para o livro ilustrado contemporâneo. Mesmo porque a base teórica para essa análise é de uma autora francesa, Sophie van der Linden, que expõe uma perspectiva eurocêntrica da questão.

Na Idade Média, havia livros com narrativas que visavam passar adiante certos valores como fábulas, que hoje em dia são vistas como histórias para crianças. No entanto, não se pode falar da existência de livros infantis no período medieval, pois a infância ainda não era um conceito. Crianças eram apenas pequenos adultos, com praticamente as mesmas funções e responsabilidades. Então, as histórias contadas pelos adultos e para adultos também eram adequadas para elas, não existia uma ideia de que certos temas eram inadequados. A literatura cumpria uma função educativa, considerando-se necessário que certas mensagens fossem passadas por meio dos livros para crianças.

A literatura infantil é vasta, fala sobre os mais variados temas e se apresenta nos mais diferentes formatos, mas está intrinsecamente relacionada aos livros ilustrados. Existem publicações para o público infantil que contam com apenas textos, mas as ilustrações são parte importante desse nicho de mercado.

O uso de imagens permite a comunicação com as crianças ainda não alfabetizadas e se aproxima do leitor que ainda não sabe ler. Além disso, também dialoga com a imaginação comum a essa fase da vida por meio da linguagem visual e possibilita que as crianças narrem à sua própria maneira a história ali contada sem necessidade de intermediação de alguém alfabetizado.

2.1 Breve histórico do livro ilustrado

Os primeiros livros voltados para as crianças ainda tinham muito mais textos que imagens. Havia ainda uma questão técnica que impedia que os livros possuíssem muitas ilustrações, as primeiras formas de impressão que surgiram não permitiam que imagens muito complexas fossem impressas. Somente a partir da primeira metade do século XIX começam a predominar os livros com ilustrações, porém o texto ainda era o componente

principal. Foi com o aprimoramento da xilografia e da litografia que se tornou possível uma maior gama de possibilidades na produção dos livros infantis.

O desenvolvimento dos procedimentos de impressão possibilita que obras reunindo caracteres tipográficos e imagens na mesma página se multipliquem. O desejo de uma literatura especificamente destinada à infância, por parte do editor Hetzel, combinado aos avanços técnicos, permite a publicação, nos anos 1860, de obras francesas concebidas em especial para o público infantil, os livros ilustrados de Stahl (pseudônimo de Hetzel), ilustrados por Lorentz Frölich, os quais deram origem à obra *La journée de Mademoiselle Lili* (1862). (LINDEN, 2011, p. 13)

Figura 5 - Página do livro *La journée de Mademoiselle Lili*



É no início do século XX que se consolida a inversão da relação entre imagem e texto no livro ilustrado, com a preponderância das ilustrações. Para Linden (2011), o livro *Macao et Cosmage* (figura 5), do francês Edy-Legrand é o marco desta mudança.

Em 1919, publica-se o maravilhoso livro de Edy-Legrand, *Macao et Cosmage*, que consagra a inversão da relação vigente de predominância do

texto sobre a imagem no livro com ilustração. Logo no prefácio, o olhar do jovem leitor é orientado para as imagens. O formato quadrado, na verdade, implica uma diagramação que as coloca em evidência. O texto é curto, manuscrito, não raro envolto pelas cores das imagens. Michel Defourny diz: “De fato, essa é uma obra que privilegia explicitamente o visual, anunciando, em 1919, o livro ilustrado contemporâneo infantil”. Na década seguinte, os trabalhos publicados por Alfred Tolmer confirmaram a orientação artística do livro ilustrado. (LINDEN,2011, p. 15)

Figura 5- Macao et Cosmage, Edy-Legrand (1919)



O livro ilustrado contemporâneo inaugura uma nova forma de se fazer literatura para crianças. Com o avanço das técnicas tradicionais e o surgimento de novos processos de impressão, as possibilidades para os livros infantis se multiplicam. Na contemporaneidade, os livros infantis podem ter os mais diversos formatos e ter imagens com as mais diferentes técnicas de ilustração e impressão. “Esse tipo de livro passa por uma ampla efervescência criativa que já não tem limites em termos de tamanho, materialidade, estilo ou técnica, e toda a sua dimensão visual, inclusive tipográfica, é em geral elaboradíssima. Assim, o livro ilustrado requer uma leitura crítica a altura.” (LINDEN, 2011, p. 21) Os livros infantis ilustrados utilizam duas formas de linguagem distintas, porém complementares dentro da obra: imagens e texto. A maneira como se relacionam varia de acordo com a hierarquia entre eles. Há livros em que as imagens são apenas um complemento à história, em outros a imagem é mais fundamental e é o que guia o leitor pela narrativa e também existem os livros-imagem em que não há presença de texto escrito, mesmo havendo uma narrativa.

As imagens foram a primeira forma de comunicação não oral humana. Na pré-história os humanos e seus antecessores na evolução já desenhavam nas paredes das cavernas as suas histórias e sua rotina. Com o passar do tempo, a escrita se desenvolveu de maneira distinta ao redor do mundo. A imagem, no entanto, permaneceu como uma forma de comunicação universal que independe de idiomas.

Assim, as ilustrações, além de serem compreendidas por qualquer pessoa em qualquer país, também podem ser interpretadas por aqueles indivíduos que ainda não foram alfabetizados, grupo majoritariamente formado por crianças. Por isso, os desenhos têm tanta força e presença na literatura infantil.

O livro ilustrado é um objeto concebido inicialmente para os não leitores. Uma de suas especificidades é, portanto, atingir este público por meio de mediadores que, por um lado, compra o livro, e, por outro, o leem muitas vezes em voz alta para ele. Essa particularidade gera inúmeras repercussões na leitura do livro ilustrado. De fato, a maioria dos criadores e editores orientam seus projetos mais ou menos em função das supostas expectativas dos mediadores. Foi o que levou os críticos norte-americanos a falarem em *dual address* [destinatário duplo] para esses livros ilustrados e distinguirem, por exemplo, as referências dirigidas às crianças daquelas estritamente reservadas aos adultos. (LINDEN, 2011, p. 29)

A leitura mediada é muito comum para as crianças, em especial quando o livro possui uma quantidade de texto escrito maior do que a crianças ainda é capaz de ler autonomamente. Nestes casos, apenas a leitura compartilhada ou mediada é possível. Os livros em que a imagem prevalece sobre o texto ou os livros-imagem, por outro lado, permitem tanto a leitura independente da criança quanto a leitura mediada por um adulto.

2.2 O feminismo como nicho do mercado editorial

O mercado editorial, assim como qualquer outro, busca o lucro e precisa encontrar maneiras de vender seu produto: o livro. Compreender as demandas dos consumidores é parte importante para o sucesso nas vendas. E uma das demandas atuais, dentre outras, é a da literatura feminista. Há um *boom* de produção de livros do tema, nos mais variados gêneros, há publicações de ficção, não ficção, infantil, histórias em quadrinho.

O surgimento de coletivos feministas com produção de textos para a internet é uma das evidências do crescimento do feminismo no mundo e no Brasil. Por aqui,

coletivos feministas como *Think Olga*⁸ e *Não me Kahlo*⁹ têm sites onde publicam textos e usam suas páginas nas redes sociais para dialogar e discutir temas de relevância para as feministas.

Responsável por criar a *hashtag* #primeiroassedio que convidava mulheres a contarem suas histórias de assédio nas redes sociais, o *Think Olga* tem mais de 100 mil seguidores em sua página no Facebook, e no Twitter e publica regularmente textos com temáticas feministas na sua página. O *Não me Kahlo* tem números ainda mais expressivos, sua página no Facebook tem mais de 1 milhão de seguidores e mais de 90 mil no Twitter. O coletivo foi o responsável por criar #meuamigosecreto, que chamava as mulheres a contarem relatos de situações em que foram vítimas de preconceito apenas por serem mulheres. A *hashtag* incentivou muitos debates sobre a discussão feminista e deu origem a um livro que discute o feminismo além das redes sociais. Os dois coletivos são apenas exemplos mais expressivos do crescimento do feminismo no Brasil.

Não somente o mercado editorial pode obter vantagens comerciais do feminismo, as livrarias também percebem o bom momento para a venda de livros com temas feministas e dão bastante destaque para esse tipo de publicação. Assim como também têm destacado literatura negra, em especial a feita por mulheres. Isso demonstra que, entre os leitores, há um grande interesse por livros que tragam temáticas que busquem desconstruir conceitos ultrapassados e afirmar identidades de minorias.

2.3 O papel da literatura na desconstrução dos papéis de gênero

A relação entre literatura infantil e pedagogia é bastante intrínseca. Os livros paradidáticos nas escolas são sempre usados para fins pedagógicos. É comum que as obras adotadas nas aulas tragam algum valor que esteja sendo trabalhado em sala e que a leitura dos alunos seja guiada nesse sentido, com trabalhos de interpretação que cobram a compreensão de certas questões. “A literatura como instrumento educativo, moral, social e político é algo que remonta ao início dos tempos. Assim a entenderam os gregos e também os escritores do século XIX em nossa América.” (ANDRUETTO, 2012, p.114)

⁸ <https://thinkolga.com/> (acessado em 16 de junho de 2018)

⁹ <http://www.naomekahlo.com/> (acessado em 16 de junho de 2018)

Fora da escola, também, a literatura infantil é buscada como uma forma de ensinar às crianças determinados temas. Desde questões mais subjetivas como o respeito às diferenças, tolerância e afeto a outras mais práticas como aprender a calçar os sapatos, a importância da higiene pessoal e quais os alimentos mais saudáveis. Muito do que se busca com a literatura infantil é passar valores de maneira lúdica e interessante, de modo que o pequeno leitor assimile os temas propostos de forma natural e duradoura.

Crianças gostam de rever incontáveis vezes um determinado filme ou reler um livro que gostaram, a repetição faz parte do aprendizado infantil. Assim, ao entrar novamente em contato com uma obra, com ou sem a mediação de um adulto, elas conseguem captar nuances que antes não tinham percebido e interpretar mais a fundo o conteúdo da publicação.

O processo de “ler” um livro ilustrado também pode ser representado por um círculo hermenêutico. Começamos pelo signo ou verbal ou visual, um gera expectativas sobre o outro, o que, por sua vez, propicia novas experiências e novas expectativas. O leitor se volta do verbal para o visual e vice-versa, em uma concatenação sempre expansiva para o entendimento. Cada nova releitura, tanto de palavras como de imagens, cria pré-requisitos melhores para uma interpretação adequada do todo. Presume-se que as crianças sabem disso por intuição quando pedem que o mesmo livro seja lido para elas em voz alta repetidas vezes. Na verdade, elas não leem o mesmo livro; elas penetram cada vez mais fundo em seu significado. É muito comum os adultos perderem a capacidade de ler os livros ilustrados dessa maneira, porque ignoram o todo e encaram as ilustrações como meramente decorativas. É quase certo que isso esteja relacionado com a posição dominante da comunicação verbal, particularmente a escrita, em nossa sociedade, embora ela esteja em declínio de gerações educadas na televisão e agora nos computadores. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p.14)

Essas diversas releituras permitem que o leitor encontre significados e ressignifique o que o texto escrito ou as ilustrações não entregam completamente. Tais sentidos podem variar de leitor para leitor, pois é algo que o livro pode, e em alguns casos deve deixar em aberto para que a pessoa que está lendo encontre seus próprios caminhos na obra e se aproprie dela da sua maneira.

Não há uma obra que se encerre nela mesma, há sempre a possibilidade de que o leitor encontre significados não pensados pelo autor. A obra nunca é apenas o que o escritor imaginou, pois ele não sabe como sua produção será apropriada pelo seu leitor, pois ele nem mesmo sabe quem é a pessoa que vai ler seu livro, apenas pode imaginar quem seja. Maria Nikolajeva e Carole Scott, em *Livro ilustrado: Palavras e imagens* (Cosac Naify, 2011) abordam essa multiplicidade de leituras e suas várias compreensões pelos diferentes leitores e leituras.

Tanto palavras como as imagens deixam espaço para os leitores/expectadores preencherem com seu conhecimento, experiência e expectativa anteriores, e assim podemos descobrir infinitas possibilidades de interação palavra-imagem. O texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixá-las para o leitor/expectador completar: tanto palavras como imagens podem ser evocativas a seu modo e independentes entre si. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p.15)

Esse espaço deixado pela obra, no entanto, não pode permitir uma leitura equivocada da obra, e por equivocada pode-se considerar uma leitura que distorce a mensagem que o autor quis passar. Porém, uma obra objetiva e com uma clara mensagem não abre espaço para esse tipo de interpretação, apenas abre possibilidades para uma compreensão mais ampla da mensagem passada.

Durante a pesquisa para o desenvolvimento deste projeto, diversos livros infantis (figura 5) que abordam temas de desconstrução de conceitos serviram como inspiração para a forma como a mensagem do livro *Brincadeira* seria abordada e alguns deles foram bastante importantes como base de pesquisa para este tipo de publicação.

A obra *Coisa de menina*, de Pri Ferrai (Companhia das Letrinhas, 2016) que também aborda a questão dos papéis de gênero, foi estudada por ter uma abordagem simples e direta com as crianças. Já *A cor de Coraline*, de Alexandre Rampazo (Rocco Pequenos Leitores, 2017), fala de outro tipo de desconstrução, a da normatização da etnia branca, a partir do questionamento de uma menina sobre o qual a cor de um lápis cor de pele. O livro *Monstro Rosa*, de Olga Dios (Boitatá, 2016) aborda a valorização da diversidade com a história de um monstro rosa que nasce em um país de monstros brancos. Também da mesma autora, a obra *Pássaro Amarelo* (Boitatá, 2016) também serviu de objeto de estudo e fala sobre a importância de compartilhar conhecimento, além disso, em uma metalinguagem, a obra tem licença Creative Commons. O livro *Olívia tem dois papais*, de Márcia Leite (Companhia das Letrinhas, 2010), que fala sobre uma criança que vive em uma família homoafetiva, também foi referência. Com relação ao formato, a obra *Ter um patinho é útil*, de Isol (Cosac Naify, 2014) foi uma referência, pois é no formato sanfona e pode ser lida dos dois lados. Nela, é contada a mesma história por dois pontos de vista diferentes, o do menino e o do patinho, as ilustrações são as mesmas, porém com texto diferente.

Figura 6



Assim, a literatura infantil se torna uma excelente ferramenta de comunicação com as crianças, já que suas referências para o aprendizado – escolas e responsáveis –, em geral enxergam os livros como repositórios de mensagens e conteúdos que esperam que os pequenos aprendam. Por conta desta expectativa gerada por pais e escolas em torno do livro infantil, o autor deve estar atento ao conteúdo que irá abordar e a forma como irá fazê-lo. E esta maneira de escrever o livro pode ser tão importante quanto a mensagem, pois o meio e o modo como se irá passar a mensagem do livro é o que poderá determinar se a obra será ou não lida.

Na obra, o estético subsume o ético e permite falar de uma verdade sem dogmas, e é por isso que um bom livro, embora trate de questões que nos são alheias ou reflita ideias que não coincidem com as nossas, consegue nos comover. O mundo não está de um lado e a arte, de outro. Tudo está junto, porque estamos imersos no social. Toda consciência é consciência do mundo; e, por não ser de todo clara, por não ser de todo direta, por não ser funcional, por permanecer em algum ponto opaca é que uma obra *nos fala*. É nessa vacilação, nessa opacidade, nessa disfuncionalidade e nessa rarefação de sentido que está o que uma obra tem para nos dizer. (ANDRUETTO, 2012, p. 121)

Cientes disso, os escritores devem estar atentos ao seu papel quando criam suas obras, pois estarão lidando com diferentes expectativas de diferentes públicos que as consumirão, de uma forma mais ou menos aprofundada. Sua produção não será nunca neutra, pois assim como todas as pessoas, o escritor carrega em sua escrita suas

vivências, suas experiências culturais, sua regionalidade e todas as questões sociais que envolvem e influenciam as produções subjetivas como os trabalhos artísticos.

Não é o único papel da literatura ser moralizante ou passar valores, a literatura pode também ser transgressora e isso pode ser positivo quando isso se faz necessário. As artes, e aqui está incluída a literatura, são subjetivas e são as manifestações de diferentes visões de mundo, o que faz com que, com frequência, transgridam e tentem mudar cenários. “Muitas vezes quisemos dar à literatura uma função, esquecendo que ela a tem por si mesma. A literatura, para ser útil, deve conservar um certo traço disfuncional. A verdade da literatura é sempre uma verdade particular, a de um personagem ou de certa voz que narra, nunca uma verdade geral.” (ANDRUETTO, 2012, p. 126)

)

Por isso, desconstruir conceitos naturalizados em nossa sociedade como os dos papéis de gênero é uma tarefa árdua, mas que pode encontrar na literatura uma grande e eficiente ferramenta. Ao ler e interpretar livros que discutam e questionem os papéis de gênero, as crianças podem perceber, de maneira lúdica, que esses conceitos nada têm de naturais.

3 O livro *Brincadeira*

Produzido como projeto prático para a conclusão do curso de Produção Editorial da Escola de Comunicação, da UFRJ, o livro ilustrado *Brincadeira* tem como temática principal as brincadeiras infantis. Escrito e editado por Fernanda Turino e ilustrado por Rafael Bento, que também é coautor, o livro tem como sua mensagem principal o questionamento dos papéis de gênero na infância.

Algumas questões eram fundamentais para atender ao conceito de igualdade de gênero da proposta editorial e tornar a leitura fácil e lúdica para o público infantil: desconstruir os conceitos naturalizados de papéis de gênero nas brincadeiras com o que é “de menina” e o que é “de menino”; criar dois pontos de vista distintos para as mesmas brincadeiras sem criar uma hierarquia na leitura e encontrar um final em comum para as duas possibilidades de leitura do livro.

A solução encontrada para um desfecho que pudesse ser o mesmo para as duas direções de leitura foi a de uma página dupla que pudesse ser completamente aberta com uma única ilustração sem divisões, por isso a escolha de um livro com grampo canoa. Além disso, foi utilizado um ângulo de olho de pássaro para que não houvesse um lado certo para a leitura da página. Neste ponto, houve a dificuldade de se realizar o desenho e a maneira de resolver o problema foi utilizando um ponto de fuga para que as imagens pudessem mostrar mais que apenas pontos vistos do alto, como seria se fosse uma visão de pássaro sem ponto de fuga.

Com relação à ausência de hierarquia na leitura foi encontrado como solução o formato vira-vira, que conta com duas capas invertidas entre si e conteúdo que se inicia em cada uma delas. Fazendo com que um dos lados fique de cabeça para baixo em relação ao outro, a publicação terá meninos e meninas brincando das mesmas brincadeiras. Em cada uma das capas do livro é apresentada uma ilustração diferente, com um menino de um lado e uma menina do outro, cada um segurando brinquedos distintos, porém com o mesmo título.

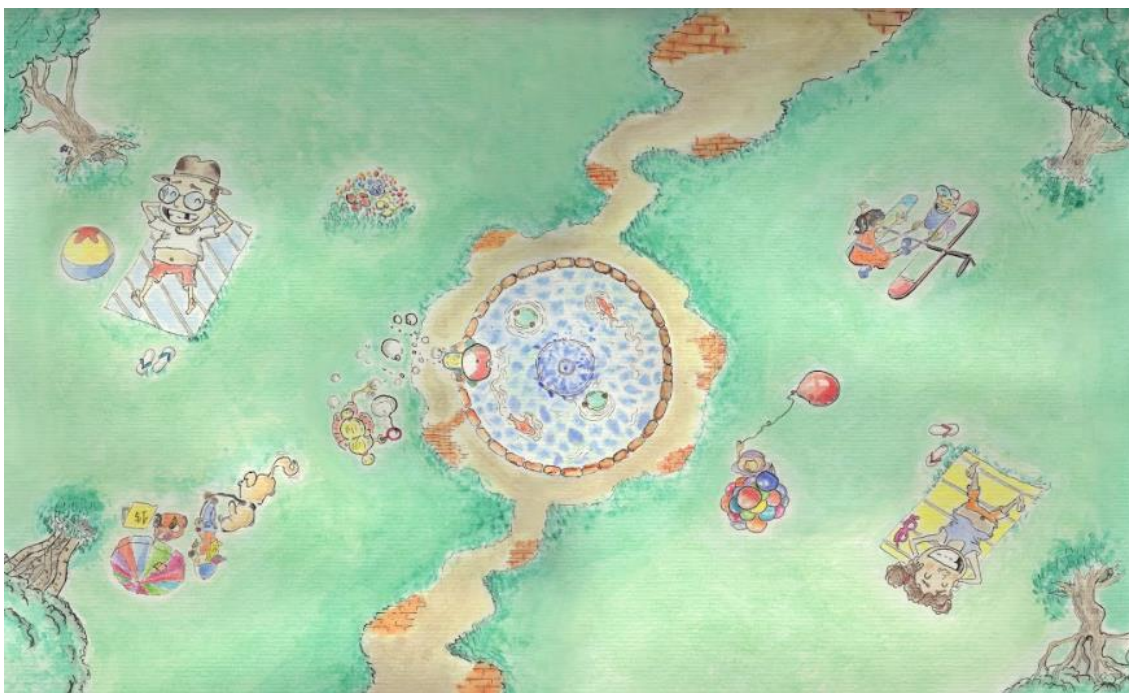
Figura 7 - Capa no formato aberto



As brincadeiras escolhidas para estar no livro carregam estereótipos de gênero e, em geral, são associadas a apenas garotos ou garotas. São elas: boneca, cientista, futebol, pular corda, soltar pipa, carrinho e dança. A ideia é mostrar que não precisa haver estranhamento quando o leitor ou leitora se deparar com a ilustração de um menino brincando de boneca ou de uma menina sendo cientista ou jogando futebol.

O final de ambos os livros será o mesmo e será apresentado na página dupla central, onde meninos e meninas irão brincar de todas as brincadeiras juntos. A imagem será produzida com o ângulo de vista de pássaro, ou seja, vista de cima, o que permitirá que ela seja lida, sem a necessidade de virar o livro para o “lado certo” independentemente de qual tenha sido a capa escolhida para iniciar a leitura (figura 8).

Figura 8 - Página central



O livro terá texto, porém as imagens serão preponderantes em relação à linguagem verbal que será restrita a apenas descrever a brincadeira retratada na página. Nas páginas em que serão retratadas crianças jogando futebol, por exemplo, haverá o texto “Futebol é brincadeira de... menino” e “Futebol é brincadeira de... menina”, atuando como uma legenda para a imagem.

De acordo com Sophie Van der Linden (2011) entre texto e imagem, neste caso, há uma relação de repetição, pois a mensagem verbal não traz nenhuma novidade e o leitor tem acesso à mesma mensagem de outra forma.

A mensagem veiculada pela instância secundária pode apenas repetir, em outra linguagem, a mensagem veiculada pela instância prioritária. A leitura da segunda mensagem não traz então nenhuma informação suplementar, e o leitor tem a sensação de ler a mesma mensagem de outra maneira. Esse tipo de função induz uma relação de redundância. Longe de ser desinteressante, e para além do conforto da leitura que traz ao jovem leitor, a redundância permite instaurar um ritmo, um hábito de leitura que poderá, por exemplo, dar mais peso a um efeito de contradição. (LINDEN, 2011, p. 123)

Outra relação entre texto e ilustração que pode ser encontrada no livro *Brincadeira* é a de reforço e contraponto. Quando palavras e imagens parecem dizer a mesma coisa em linguagens distintas, pode haver a sensação de que o leitor não tem mais o que encontrar na obra. No entanto, as múltiplas leituras possíveis é que enriquecem a experiência de quem consome a obra.

Se palavras e imagens preencherem suas respectivas lacunas, nada restará para a imaginação do leitor e este permanecerá um tanto passivo. O mesmo é

verdade se as lacunas forem idênticas nas palavras e imagens (ou se não houver lacuna). No primeiro caso, estamos diante da categoria que chamamos “complementar”; no segundo, da “simétrica”. Entretanto, tão logo palavras e imagens forneçam informações alternativas ou de algum modo se contradigam, temos uma diversidade de leituras e interpretações. (NIKOLAJEVA, SCOTT; 2011, p. 2)

Em *Brincadeira* a proposta é agregar conceitos ao discurso nas entrelinhas., O que se espera é que o leitor, ao ler a mensagem escrita igual ao que se vê na ilustração se pergunte justamente o que não está presente em nenhuma das duas linguagens. Por exemplo, ao ver a imagem de um menino brincando de boneca com a legenda “Boneca é brincadeira de menino” leia a afirmação como se fosse um questionamento que ele deve fazer a si mesmo.

A escolha pelo pouco uso de palavras como uma legenda para as ilustrações, (em uma relação redundante, porém não desnecessária) se dá porque não há uma linha narrativa que conduza o leitor pelo livro em um único caminho linear possível, mas sim diversas imagens que dialogam entre si pela temática em comum que é a das brincadeiras infantis. Não é contada uma história, o livro não é um conto, tampouco um romance. A mensagem é passada por meio da força das ilustrações e deixa abertas as possibilidades de imaginação da criança para o que pode estar acontecendo com cada uma das personagens.

Além disso, esta é uma publicação que visa principalmente o público infantil que ainda não é um leitor autônomo, a partir dos três anos. Desta maneira, com a predominância das imagens sobre o texto, a criança será capaz de compreender a mensagem do livro com ou sem a mediação de um adulto, já que, mesmo que não saiba ler a parte textual, poderá saber ler e interpretar autonomamente as ilustrações e o que elas representam.

O livro, no entanto, não será restrito à faixa etária de menores de seis anos (ainda não alfabetizadas). Ele também poderá ser lido por crianças em fase de alfabetização e também pelas que já dominam a leitura e fazem isso de forma autônoma. Por causa do texto curto e da predominância de imagens, a publicação pode ter potencial para alcançar diferentes públicos, já que a classificação por faixas etárias é uma escolha editorial e comercial e não dos leitores.

Os fatores que levam as crianças a escolherem seus livros são mais de ordem subjetiva do que a divisão feita pelas editoras.

Chegamos a uma conclusão: a de que a faixa etária não é uma regra, mas uma exceção; crianças escolheram seus livros, não de acordo com sua idade, mas vários outros fatores influenciam na escolha do livro, como as ilustrações da

capa, as cores vibrantes e os interesses comuns a elas, no entanto, a faixa etária determina a produção dos livros de literatura infantil e direciona o mercado editorial. (SILVA; FREITAS; BERTOLETTI, 2006, p.72)

Desta forma, o livro *Brincadeira* pode ser considerado, editorialmente, como uma publicação para menores de oito anos que dominam textos curtos em uma leitura compreensiva e ainda não interpretativa. Porém, nada impede que crianças maiores que já são mais capazes de interpretar textos também se interessem pelo livro seja pelo seu texto, suas ilustrações ou projeto editorial-gráfico.

3.1 Projeto editorial-gráfico

O projeto gráfico do livro *Brincadeira* é parte fundamental da obra e pode ser considerado tão importante quanto o conteúdo, pois é a partir das duas possíveis perspectivas que o leitor poderá compreender, por completo, a mensagem que se deseja passar. A forma de ler o livro é também parte da leitura, pois não há uma hierarquia e nem uma linha narrativa para guiar o leitor. Além disso, por não ter uma história, a obra pode ser aberta em qualquer página sem que isso prejudique a leitura.

Ao manuseá-lo fechado, o leitor já poderá perceber que há duas possibilidades de leitura. Ao escolher um lado para iniciar será incentivado a mudar a perspectiva ao chegar na página central. Como não há uma narrativa que demande um único sentido de leitura do texto, o leitor poderá iniciar a segunda parte do livro a partir do meio ou, se preferir, ir para a outra capa.

O livro não funcionaria se feito com outro projeto gráfico que não o de vira-vira, pois não permitiria a dupla leitura. Se as brincadeiras escolhidas fossem colocadas de forma linear, com apenas uma possibilidade de início da leitura, em uma sequência consecutiva das brincadeiras, poderia ser causada uma sensação de hierarquia, o que não se deseja. Assim, ao oferecer dois pontos de vista e duas possibilidades de início da leitura, o livro dá ao leitor o poder de escolha e não coloca uma opção como superior ou prioritária à outra.

3.2 Concepção

O projeto editorial-gráfico foi concebido em parceria pela autora e pelo ilustrador. Sabia-se da importância do ilustrador como coautor do livro, pois a opção pelo uso de pouco texto e maior preponderância da imagem faz delas parte fundamental e indissociável da obra. Não é como outros livros em que o texto é parte fundamental e pode haver outras edições com diferentes ilustradores. A mensagem é passada principalmente pelas ilustrações, o texto escrito funciona como uma espécie de legenda que reforça ironicamente o sentido dos desenhos.

Como mencionado, diversos livros infantis serviram como fonte de inspiração para a escolha do formato e papel a ser utilizado no projeto final da obra e também para a maneira de abordar temas que desconstróem conceitos. Dentre eles alguns se destacaram seja pelo tema tratado ou por seu projeto gráfico.

A escolha por imagens não sangradas não era uma ideia inicial, porém ao longo do processo produtivo se mostrou mais eficiente, pois permitiu maior equilíbrio com o texto, além de criar espaços brancos de respiro que favorecem a leitura e destacam as ilustrações. Por outro lado, optou-se por fazer a página central sangrada, o que faz com que se destaque ainda mais em relação às outras, por sugerir que a cena retratada extrapola os limites da folha. Essa página tem muita importância, pois é o elo entre as duas partes do livro e mostra que suas duas possibilidades de leitura se complementam.

O códex foi concebido para acolher o texto, distribuído pelas páginas e em linhas sucessivas. No livro ilustrado, como também no livro de artista ou em algumas coletâneas de poemas – depois que Stéphane Mallarmé fez com que o texto transpusesse a margem interna com seu “Um lance de dados jamais abolirá o acaso” (1897/1914) –, a organização das diferentes mensagens não necessariamente respeita a compartimentação por página. Textos e imagens se dispõem livremente na página dupla. A possibilidade que os criadores têm de se expressar nela faz da página dupla um campo fundamental e privilegiado. (LINDEN, 2011, p. 65)

O processo de produção prática do livro – os *briefings*, escolha das brincadeiras, realização das ilustrações, diagramação e impressão da boneca – levou cerca de cinco meses para se completar. A parte mais longa foi a de trabalho do ilustrador que precisou de cerca de três meses (de abril a junho de 2018) para completar todas as ilustrações escolhidas.

No total foram realizadas 25 ilustrações: duas capas, 14 brincadeiras (sete de meninas e sete de meninos), uma página central dupla, duas ilustrações para a biografia dos autores e cinco ilustrações que foram descartadas e substituídas na diagramação final. A substituição aconteceu por questões estilísticas do ilustrador que preferiu refazer algumas das imagens.

Do total de 10 brincadeiras listadas inicialmente no *briefing*, sete foram as escolhidas para estar na versão final do livro, o que representam 14 ilustrações, pois as atividades são retratadas duas vezes. A diminuição do número inicial se deu por questões financeiras e de prazos. O critério de escolha de quais brincadeiras permaneceriam foi eleger quais podem ser consideradas mais acessíveis e também quais são mais representativas do ponto de vista da igualdade de gêneros, como, por exemplo, a de cientista. Não haveria tempo hábil para o ilustrador realizar 25 ilustrações. Além disso, o preço para a impressão da boneca, e eventualmente do livro publicado, aumentariam consideravelmente (em torno de 35% no orçamento da boneca, por exemplo). Considerou-se que a diminuição no número de páginas do livro não acarretaria perdas consideráveis com relação ao seu conteúdo.

Os desenhos foram realizados com a técnica de aquarela e o ilustrador também usou caneta nanquim e lápis de cor em alguns acabamentos. A finalização das imagens foi feita no computador após a digitalização no programa de edição de imagens Photoshop.

3.3 Diagramação

A diagramação do livro *Brincadeira* também é parte muito importante da obra, pois permite que texto e ilustração estejam em harmonia, apesar da preponderância da imagem sobre o texto escrito. Segundo a classificação de Linden (2011), o tipo de diagramação usada é a de associação, que é a mais usual em livros com ilustrações por criar equilíbrio entre texto e imagem (figura 9).

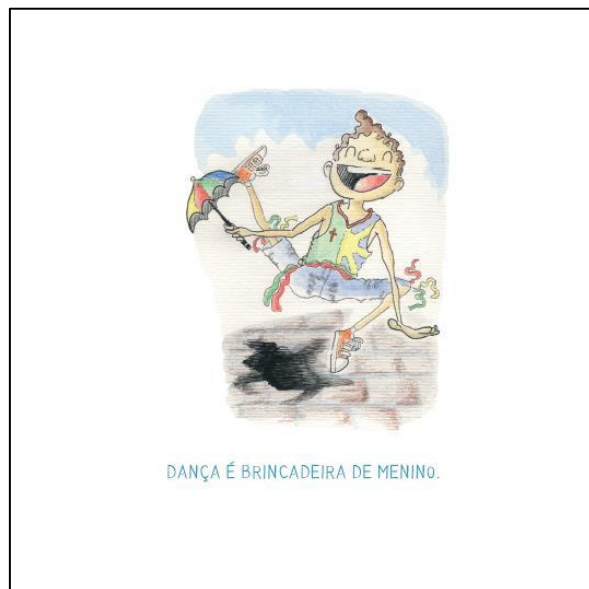
A diagramação mais comum, no tocante ao livro ilustrado, rompe essa dissociação entre página de texto e página de imagem, e reúne pelo menos um enunciado verbal e um enunciado visual no espaço da página. Essa diagramação “associativa” pode se apresentar de diversas maneiras. Num nível elementar, uma linha pode separar o espaço do texto do espaço da imagem. Os fundos são então diferentes. É comum a imagem ocupar o espaço principal da página e o texto se situar acima ou abaixo dela.

A imagem pode também ocupar a totalidade da página, ou mesmo da página dupla, e sangrar a margem do papel. O texto então se inscreve num espaço “dessemantizado” da imagem. Por outro lado, vários textos e várias imagens, claramente distintos, podem ainda se organizar no espaço da mesma página ou da página dupla.

Essas diferentes estruturas terão implicações diversas, dependendo de se querer misturar textos com imagens, associá-las ou distingui-los, escolha que resultará principalmente da intenção narrativa. A leitura se torna mais dinâmica, por meio dessa rápida sucessão de imagens e textos curtos (LINDEN, 2011, p. 69)

No caso do livro *Brincadeira*, a diagramação associativa deixa um espaço para o texto abaixo do desenho. A disposição de imagens e texto se repete ao longo do livro criando uma sensação de continuidade. Apenas na página dupla essa sequência é quebrada, mas isso é fundamental para que o leitor saiba que chegou a um possível fim do livro mesmo antes da última página e que, a partir daquele ponto, há uma nova forma de leitura que pode se iniciar.

Figura 9 - Exemplo de diagramação associativa em páginas do livro *Brincadeira*



O processo de diagramação durou cerca de um mês e foi realizado pela profissional Bianca Battesini. O início da diagramação foi simultâneo à criação das

ilustrações. As primeiras imagens foram enviadas para a diagramadora no dia 21 de maio de 2018 e a primeira prévia, ainda sem fontes definidas e todas as ilustrações, foi feita em 01 de junho de 2018. O arquivo final foi fechado em 10 de junho de 2018.

A fonte utilizada foi a *Ikan Besar*¹⁰, de autoria de Adien Gunarta, que tem licença Creative Commons. A escolha se deu por ser esta uma fonte com acentos e cedilha e que tinha boa leitura sendo usada em caixa alta. Optou-se pela caixa alta para favorecer a leitura de crianças em fase de alfabetização.

3.4 Produção gráfica

A escolha do formato quadrado de 20,5 cm X 20,5 cm foi feita a partir da observação de outras publicações voltadas para o público infantil. O livro *Coisa de menina* (Pri Ferrai, 2016) serviu de inspiração para a escolha do formato e tipo de papel a ser utilizado neste projeto.

A escolha do papel utilizado para impressão do miolo e da capa do livro foi feita em conjunto entre a autora e a diagramadora. O papel couchê fosco, apesar de não ser o mais econômico, foi escolhido para valorizar as cores da impressão e por ser uma boa opção para desenhos feitos em aquarela. A gramatura usada foi a de 110 gramas, que pode ser considerada alta, mas é adequada para livros infantis que têm poucas páginas. Assim, apesar da escolha de um papel menos econômico, pôde-se economizar com o número de páginas reduzido.

Durante o processo de produção no Trio Studio Bureau e Gráfica Digital, no Rio de Janeiro, foi feita uma prova de cor que apresentou cores azuladas e precisou ser corrigida. Após a prova, foram impressos os exemplares com o ajuste de cores, porém a imposição de páginas não estava correta. Em vez de um lado ter apenas brincadeiras de meninos e o outro de meninas, nesta primeira tiragem, cada lado apresentava meninos e meninas misturados. Como mostra a figura 10.

¹⁰ Disponível em <https://www.dafont.com/ikan-besar.font> (acessado em 16 de junho de 2018)

Figura 10: Imposição errada das páginas



A boneca com as cores corrigidas e imposição de páginas correta foi feita em impressão digital e entregue no dia 18 de junho de 2018.

Considerações finais

Os leitores do livro *Brincadeira* muito provavelmente não terão acesso a este trabalho teórico acadêmico como base para a interpretação do mesmo. Mas a intenção com o produto final é que a mensagem discutida aqui nesta breve pesquisa possa chegar às crianças e também aos responsáveis adultos de modo a mudar a percepção ainda existente quanto aos papéis de gênero, em geral bastante sexistas, nas brincadeiras infantis.

A análise de diversos livros infantis mostrou que a produção de livros para crianças ainda é forte no mercado editorial, em especial os que buscam passar algum valor educativo. Os livros que desconstruem algum conceito naturalizado na sociedade como o racismo, homoafetividade e papéis de gênero já são parte importante da

produção editorial nacional, seja com livros traduzidos ou literatura brasileira. Assim, o livro *Brincadeira* se encaixa nesse nicho de mercado ao mesmo tempo em que busca promover a noção de igualdade de gêneros entre os leitores, sejam crianças ou adultos.

Por ser um relatório com um pequeno arcabouço teórico para um projeto prático de conclusão de um curso de graduação, esta pesquisa não se aprofundou em alguns pontos que podem ser mais explorados futuramente.

Com relação aos papéis de gênero nas brincadeiras infantis, poderia haver uma pesquisa qualitativa com adultos e crianças sobre a percepção que têm dos gêneros associados a cada brincadeira. As repostas ajudariam a fazer um estudo mais aprofundado da percepção que as pessoas têm dos papéis de gênero na infância.

Outra pesquisa possível seria sobre a importância das brincadeiras no aprendizado infantil de modo a valorizar o ato de brincar não apenas como um divertimento, mas também como uma atividade que ajuda as crianças a aprenderem e compreenderem a sociedade em que estão inseridas.

Uma pesquisa com relação à percepção da importância da literatura infantil na desconstrução de conceitos também poderia ser realizada de modo a embasar possíveis estratégias para publicar livros para crianças com mensagens de empoderamento capazes de romper paradigmas.

Com o objetivo de mostrar que os papéis de gênero são uma construção social que pode ser questionado que foi desenvolvido o projeto do livro *Brincadeira*. Além disso, o tema brincadeiras infantis aproxima o livro dos leitores e mostra que brincar é uma forma de expressão e de aprendizado. O propósito principal do livro é ajudar as crianças a não serem limitadas pelos papéis de gênero, de uma maneira lúdica e eficiente. De modo que as crianças não naturalizem conceitos que ainda ganham espaço em diferentes meios e discursos

A opção pelo uso de ilustrações como principal forma de passar a mensagem é também uma forma incentivar uma forma de leitura menos valorizada pelos adultos que é a das imagens. Com o livro *Brincadeira*, busca-se encorajar nos leitores, sejam eles crianças ou não, a interpretação múltipla das imagens.

Na verdade, elas [as crianças] leem o mesmo livro; elas penetram cada vez mais fundo em seu significado. É muito comum os adultos perderem a capacidade de ler os livros ilustrados dessa maneira, porque ignoram o todo e encaram as ilustrações como meramente ilustrativas (NIKOLAJEVA, SCOTT, 2011, p. 14)

Como projeto final de conclusão do curso de Produção Editorial, editar e produzir um livro ilustrado em um prazo curto foi desafiador, estimulante e

enriquecedor do ponto de vista profissional. A autora irá ainda fazer uma pesquisa de mercado e de possibilidades de locais de venda do livro para uma possível autopublicação da obra ainda no ano de 2018.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

_____. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DE LARA, Bruna; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa. **#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

DIOS, Olga. **Monstro Rosa**. São Paulo: Boitatá, 2016.

_____. **Pássaro Amarelo**. São Paulo: Boitatá, 2016.

FERRARI, Pri. **Coisa de menina**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2016.

LAMAS, Marília. **De menina e de menino: gênero e infância**. Rio de Janeiro: Clube do Livro GWS, 2015.

LEITE, Marcia. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MISENTA, Isol. **Ter um patinho é útil**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

NIKOLAKEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SILVA, Eliane Aparecida da; FREITAS, Lucinéia Silva de; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. A questão da faixa etária na literatura infantil. **Paranaíba: UEMS**, An. Sciencult, v.1, n.1, p.68-73, 2006.